

RESENHAS

A LIBERDADE É UMA LUTA CONSTANTE

Wesley Henrique Alves da Rocha¹

A liberdade é uma luta constante, de Angela Davis, foi organizado por Frank Barat, compilando cerca de dez entrevistas, discursos e conferências proferidas por Davis. A edição brasileira da obra, lançada em 2018, traz textos de orelha da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, uma importante poetisa e romancista bastante conhecida nos estudos literários. Evaristo costuma dizer que, assim como escrever, publicar é um ato político. O racismo estrutural da sociedade brasileira se reflete também no mercado editorial e a dificuldade de publicar quando se é mulher, negra e escritora é uma realidade.

Angela Davis nasceu em 1944 e esteve na luta pelos direitos civis nos EUA da década de 1960 e 1970, se tornando uma das ativistas mais conhecidas e influentes da atualidade. Os assuntos abordados em *A liberdade é uma luta constante* tratam de discussões mais recentes da autora, tais como feminismo negro, Palestina, violência policial e racismo. A obra gira em torno de um tema central: violência sistêmica e o abolicionismo prisional.

Para a autora, a mulher negra está na base da pirâmide social, por conta disso, o movimento das mulheres negras na sociedade, faz com que toda a estrutura política e social se movimente também, desestabilizando a base do sistema capitalista. Tal fato pode ser constatado quando procuramos entender a história das liberdades, haja vista que, é impossível não dizer que a liberdade negra era a liberdade apenas para o homem negro; fazendo com que o feminismo negro fosse visto como “sub-classe” dentro dos movimentos sociais. Angela Davis traz essa questão ao lembrar da época do surgimento do feminismo negro, onde as mulheres tinham que escolher entre participar do movimento negro ou o feminista, quando na realidade o mais adequado seria

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Especialista em Gestão Pública pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFMT. Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT.

“compreender as intersecções e interconexões entre os dois movimentos” (DAVIS, 2018, p. 21).

Ao abordar o racismo, a autora destaca que há uma ponte entre o racismo estrutural na sociedade que acaba legitimando uma violência desproporcional do sistema capitalista contra pessoas que historicamente foram colocadas na base das pirâmides sociais. Angela também discorre sobre a solidariedade necessária para aproximar as lutas sociais que historicamente estão ligadas no campo ideológico. Para ela seria necessário criar um vínculo entre tais conflitos, gerando assim a comoção de uma parcela da sociedade que possa não fazer parte de uma situação específica.

Ao abordar a eleição do presidente Barack Obama, Angela destaca que a liberdade para uma parcela da população negra não significa a liberdade a toda a comunidade negra, ou seja, a eleição de um presidente negro não é a queda da última barreira racista, mesmo que se reconheça a importância desse acontecimento histórico. As barreiras racistas só caem através dos movimentos de massa, sem articulação não há mudanças e assim a violência persiste. A autora traz casos de violência policial nos EUA, dando destaque a Michael Brown, morto a tiros por policiais, não portava armas nem tinha antecedentes criminais, era um homem negro. No Brasil vemos casos desse tipo todos os dias, podemos citar o caso da vereadora Marielle Franco, feminista, negra, lésbica, defensora dos direitos humanos, assassinada a tiros em 14 de março de 2018 e até a presente data os responsáveis por esse crime não foram presos.

Michael e Marielle, pessoas que tinham em comum características oriundas de construções sociais que faziam suas vidas menos valiosas e, sobretudo “perigosas”, definindo a eles um lugar e fazendo a violência contra seus corpos “justificável”.

Ao abordar o encarceramento em massa, a autora o relaciona diretamente a cultura do terror, ou seja, os inimigos constantes da sociedade (comunistas, muçulmanos, imigrantes, afrodescendentes, etc.) estão sempre a espreita dos “cidadãos de bem”, garantido dessa forma a manifestação do racismo em sua forma mais pura atualmente: o encarceramento em massa, que no Brasil se resume ao encarceramento de negros, atuando como mais uma forma de segregação mascarada.

O preconceito institucional pode ser considerado como a motivação dos problemas nas sociedades (racismos, segregação, violência, etc.), isso porque os preconceitos se adaptam aos contextos históricos e sociais, se manifestando sob novas roupagens socialmente “aceitas”. A exemplo disso, considerando a realidade social do Brasil, podemos citar o impeachment de Dilma Rousseff. Durante todo o seu mandato e

com mais força durante o processo de impeachment, a ex-presidenta sofreu diversas críticas baseadas nas “limitações” e “problemas” de seu gênero disfarçadas de críticas contra suas propostas de governo.

Conceituando a interseccionalidade, a autora afirma que a luta pela liberdade não vai ser vitoriosa se todas as minorias reclamarem direitos somente para si, ou seja, é necessário compreender que todas as lutas devem considerar as interseções entre as categorias que se encontram em um indivíduo ou grupo, percebendo que as lutas não são tão diferentes assim. É mais difícil segregar um movimento social de minorias se há união.

Concluindo, *A liberdade é uma luta constante* não nos deixa esquecer que a liberdade é uma luta coletiva, global e contra todo um sistema mundial; e que só haverá vitória diante da interseccionalidade dos movimentos sociais pelos direitos, “[...] Teremos de ter disposição para nos erguer e dizer “não” unindo nossas almas, articulando nossas mentes coletivas e nossos corpos, que são muitos” (DAVIS, 2018, p. 131).

Bibliografia

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Organização de Frank Barat; tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

Recebido em: 12/04/2019

Aceito em: 19/09/2019